

Índice

| | |
|--------------------------------------------------------------------------|---|
| Rod Dreher: "A opção beneditina é sermos cristãos contraculturais" | 1 |
| Proxeneta arrependido e contra prostituição legal | 3 |
| "Todos Sabem" | 4 |

Rod Dreher: "A opção beneditina é sermos cristãos contraculturais"

Rod Dreher (Luisiana, EUA, 1967) a propósito do seu livro "[The Benedict Option](#)" foi a Espanha, onde apresentou a versão em castelhano, "La opción benedictina" (Encuentro). A obra propõe um modelo de vida e sobrevivência para o crente ocidental num mundo pós-cristão.

O livro foi publicado nos Estados Unidos em 2017 (ver "La 'opción Benito' y sus críticos", "Aceprensa", 24.5.2017). Dreher, membro da Igreja Ortodoxa Oriental, não imaginava o impacto e a surpresa que esta obra causaria numa Europa que, segundo o mesmo autor reconhece, já está a viver desde há algum tempo a situação que ele descreve na América do Norte.

— *Qual poderia ser um bom sumário da sua obra após as muitas entrevistas, conferências e conversas que efetuou sobre ela?*

— O maior mal-entendido acerca da "La opción benedictina" é que parece que peço aos cristãos que fujam do mundo e construam uma fortaleza nas montanhas. Ouvi isto muitas vezes de pessoas que não leram o livro. E têm a certeza de que eu acredito nisso! A verdade é que, no livro, afirmo que estamos num mundo pós-cristão, um mundo cada vez mais hostil para com os cristãos. Se nos decidirmos a sobreviver neste contexto, podemos ser mais radicalmente contraculturais. Quero dizer com isto que temos de construir uma comunidade que insista nas diferenças que os cristãos têm relativamente aos outros, e fazer coisas que reforcem tal diferença. Não significa que nos vamos esconder do mundo,

mas que quando estamos presentes no mundo devemos ser fiéis representantes de Jesus Cristo.

— *Neste caso, que deveria fazer um cristão para se manter fiel às suas crenças?*

— No passado, vivíamos numa civilização cristã na qual não havia uma grande divisão entre a fé e o mundo. Mas os tempos mudaram e se queremos continuar a escutar a voz do Senhor, temos que passar mais tempo em contemplação e em silêncio. E não apenas de forma metafórica, como também literal. Daí que quando nos apresentamos no mundo não podemos deixar a fé de lado e temos de estar preparados para sofrer por Cristo.

Sofrer é algo normal. Os cristãos poderiam vir a perder o trabalho, boas oportunidades e coisas deste tipo por se manterem fiéis à sua fé. Isto já aconteceu no passado, e acontece agora noutros locais. Mas é novo nos Estados Unidos. Precisamos de nos preparar para isso e estar preparados para não sucumbir ao ódio e à perseguição. A Igreja norte-americana é de classe média, embrenhada nesse conforto da classe média. Mas temos de nos preparar para o que vier, porque o que conhecíamos acabou.

— *Pega na ideia de Christian Smith sobre a nova cultura religiosa dos millennials, que ele designa por MTD, "moralistic therapeutic deism". Penso que é bastante parecido com o que se está a passar aqui na Europa...*

— Esse deísmo moralista terapêutico é a religião universal dos jovens norte-americanos, mas também da minha geração. Inclusivamente da dos meus pais: crescemos com ele. É um cristianismo cultural, e é uma sorte que na atual crise saibamos o que é cristianismo e o que não o é.

— *Que pode fazer um cristão para enfrentar esta situação?*

— Bem, coisas básicas, nada de muito dramático. Coisas comuns como rezar mais, criar comunidade, adorar a Deus... Coisas que deveríamos fazer sempre. A "opção beneditina" é ir à igreja, ser Igreja. Mas penso que o principal é uma mudança de consciência. Temos de nos aperceber de que esta crise é séria e que se não formos um cristianismo contracultural, o cristianismo se vai desvanecer.

Chamei a este livro "A 'opção' beneditina" porque temos sempre uma possibilidade de dizer "não" a Deus. Temos de decidir se vamos seguir o caminho do resto da sociedade ou seguir o nosso caminho.

Conto uma história no livro sobre uma rapariga que queria ser missionária. Falou nisso aos seus pais e eles contactaram o pastor, que lhes disse: "É maravilhoso!". E os pais responderam-lhe: "Não, pastor, tem de nos ajudar a impedir que arruine a sua vida!". Estas pessoas estão sintonizadas com aquilo que a sociedade considera ser poder e sucesso no mundo. Os verdadeiros cristãos têm de estar preparados para perder poder e sucesso em nome de Cristo. Isto é algo que não tivemos de fazer antes (nos EUA).

No entanto, os cristãos do Egito e do Médio Oriente estão a ser assassinados pela sua fé, daí que não seja preciso recuar à história longínqua da Igreja: podemos ver o que se passa na nossa história viva.

— *Destaca o papel da família na sociedade atual, igualmente para a sua "opção beneditina". Poderia dar-me algum exemplo do papel da família nos seus membros, especialmente nos jovens?*

— Penso que o mais importante é considerar o lar como um mosteiro doméstico, como um lugar onde tudo deve ser dirigido para encontrar Deus. E não falo de sermos cristãos fanáticos; falo de coisas mais simples como, por exemplo, proibir às crianças o uso de telemóveis.

Numa das minhas visitas a um campus cristão, falei com os professores e com o sacerdote e perguntei-lhes qual era o principal problema com os jovens. Disseram-me que era sempre a pornografia ou uma completa dependência dos *smartphones*. A minha mulher e eu próprio não deixamos que os nossos filhos tenham telemóvel, permitimos que tenham uma utilização muito limitada de acesso aos computadores e somos muito cuidadosos com o que veem na televisão. Mas não basta falar-lhes das coisas más, mas também dizer "sim" às boas.

— *Também menciona a importância de ser bem educado na fé.*

— Vivemos numa cultura dirigida principalmente pela emoção. Uma vez, fui a uma escola protestante apresentar a minha obra e centrei a minha intervenção na importância das práticas regulares para aprofundar a fé. Quando acabei, uma estudan-

te levantou a mão e disse-me: "Por que não basta amar Jesus com todo o nosso coração tal como os nossos pais fazem?". Respondi-lhe: "Bem, é importante amar Jesus, mas se esse amor não assume formas concretas, no final, isso é somente uma emoção e vai desaparecer a qualquer momento". A jovem não fazia a mínima ideia do que lhe estava a dizer.

Depois da conversa, um professor aproximou-se de mim e disse-me que aquilo que essa rapariga pensava era a mesma coisa que pensavam 99 por cento dos estudantes do campus. Emergiram numa cultura de Igreja que é procurar estar sempre contente e dizer "Jesus é o meu melhor amigo!". E todos os alunos concordam com essa ideia, mas quando se apresentam no mundo, da primeira vez que alguém lhes diz: "Aquilo em que os cristãos acreditam é mau", vão-se abaixo, porque não estão educados mentalmente e não conhecem profundamente as coisas importantes como cristãos.

— *Poderia dar algum exemplo de como os cristãos podem empreender ações contraculturais?*

— Poderíamos criar novas escolas, as clássicas escolas cristãs. Não sei a situação neste país, mas na melhor das hipóteses é possível sermos criativos. O Papa Bento XVI dizia que, numa sociedade pós-cristã, os cristãos deveriam ser minorias criativas. E penso que o dizia a sério. A "opção beneditina" é esse plano, um programa que consiste sobretudo em que, se existe um problema, temos de chamar pelos verdadeiros crentes e juntos colaborarmos para salvar a fé em detrimento do desespero.

— *Com esta opção beneditina, há esperança para o cristianismo no Ocidente?*

— Sim, mas esperança não é a mesma coisa que otimismo. Esperança, para um cristão, não é só acreditar em que tudo vai correr melhor, mas que existe uma segurança de que Deus está presente de forma incondicional.

No livro, faço referência à profecia de Joseph Ratzinger em 1969. Disse que a Igreja passaria por uma crise terrível, que perderia poder, saúde e estatuto. Que toda a gente se afastaria. Só restaria um pequeno grupo de verdadeiros crentes que quisessem amar a Deus sobre todas as coisas. E que, a partir daí, daqueles pequenos grãos de mostarda, começaria o renascimento da fé. Ratzinger ainda não viu que a sua profecia se tenha tornado realidade, mas penso que deveríamos escutá-lo e que cada um de nós seja uma dessas sementes de mostarda.

I. M.

Proxenetado arrependido e contra prostituição legal

Há quatro anos, a modelo e atriz espanhola Mabel Lozano estreou o seu primeiro documentário: "[Chicas nuevas 24 horas](#)" ("Aceprensa", 4.9.2015) uma aproximação – ou melhor, uma denúncia – do mundo da prostituição a partir dos testemunhos de um grupo de mulheres de diferentes nacionalidades que a exercem em Espanha. O objetivo de Lozano era claro e não dissimulado: abrir os olhos perante uma indústria – a do sexo – que baseia os seus lucros na exploração de seres humanos. Nem mais nem menos.

Mabel Lozano voltou à carga com um documentário que estreou no fim do ano passado, e tem vindo a conseguir presença nas salas de exibição cinematográfica com um sistema interessante que junta a projeção com debates ou mesas redondas de especialistas feitos a seguir. Não estamos precisamente diante de um cinema de evasão, mas perante uma película incómoda, desconfortável por vezes, de uma grande violência psicológica e, contudo, muito necessária.

"El proxenetado. Paso corto, mala leche" é a narrativa na primeira pessoa da história de um dos principais proxenetados espanhóis: Miguel, conhecido por *el Músico*. Como conta Miguel no documentário, começou a trabalhar num *pub* de modo casual com apenas 17 anos e descobriu rapidamente que podia ganhar a vida mexendo-se no mundo da noite. Daí, sempre a descer e sem travões, acabou no mundo da prostituição e da exploração sexual.

Os números provocam vertigem. Chegou a possuir 12 dos bordéis mais importantes de Espanha, onde explorou mais de 1700 mulheres, muitas delas menores. O seu historial delituoso levou-o a ser condenado a uma prisão de três anos que conseguiu reduzir graças ao seu arrependimento e posterior colaboração com a polícia para desativar algumas redes de prostituição.

Lozano deixa falar o proxenetado durante 88 longos minutos nos quais percorre a sua "trajetória", uma trajetória que ajuda a entender a criminosa paisagem da prostituição em Espanha. A documentarista aposta forte ao deixar falar o proxenetado sem o rebater. O testemunho é extremamente violento.

Com enorme frieza, *el Músico* fala da prostituição como poderia falar de um negócio de móveis. É mais uma mercadoria. E fala-se de comprar e vender mulheres, de transferi-las ou de revendê-las quando já não rendem; fala de engano, de mafias, de droga e, evidentemente, de violência quando se torne necessário.

E no meio desta criminosa paisagem entende-se bem que a proposta de Mabel Lozano – tal como a do proxenetado agora arrependido – seja muito clara. A prostituição é uma evidente exploração de seres humanos e a simples abordagem de vir a legalizar um crime provoca dano. "Quem quiser legalizar a

prostituição está a defendê-la", afirma cortante *el Músico* num momento do documentário. "Aqui não há proxenetados bons e proxenetados maus. Aqui há somente maus e maus".

E explica, além disso, numa das partes mais interessantes do documentário, como iniciativas a favor da legalização têm o apoio direto de alguns empresários do alterne que veem nela um panorama de inegável expansão para a indústria do sexo. O objetivo não é que as prostitutas estejam melhor ou que trabalhem em meios mais seguros... o objetivo é que os proxenetados possam ganhar mais dinheiro. O melhor para converter uma atividade mais ou menos marginal em indústria, é legalizar essa atividade. Em torno da atividade legalizada irão surgir outras atividades – desde serviços até seguros – que acabarão por enriquecer os que vivem da prostituição (e não exatamente as prostitutas).

Neste sentido, era interessante ler Víctor Lapuente, professor de Ciências Políticas da Universidade de Gotemburgo, [no diário "El País"](#) (10.11.2018), onde, depois de analisar as diferentes políticas europeias sobre prostituição, concluiu em como os países que legislaram com dureza sobre este tema – por exemplo, a Suécia – viram diminuir a prostituição, enquanto outros que apostaram na legalização – como a Holanda – se converteram em porto de chegada para mafias que comercializam com seres humanos. "Para atacar este problema", concluiu Lapuente, "a melhor política é criminalizar a compra de sexo. Uma medida provocadora para muitos liberais. Mas acabar com o horror que sofrem as vítimas da exploração sexual merece-o".

É a mesma tese defendida por Mabel Lozano neste documentário. A cineasta espanhola está disposta a continuar a lutar contra esta realidade. A sua ideia não é fazer carreira no cinema, pois trata-se de um verdadeiro ativismo. Como resume com inteligência ao falar do fio que une a sua produção audiovisual: "Não faço filmes, faço um único filme, porque o que quero é que mude a vida dessas mulheres".

A. S. N.

“Todos Sabem”

“Todos lo saben”

Realizador: Asghar Farhadi

Atores: Penélope Cruz; Javier Bardem

Duração: 130 min.

Ano: 2018

Os filmes deste realizador iraniano abordam sempre temas de profunda humanidade. Cada personagem vai revelando o melhor e o pior da natureza humana. Neste caso, a ação decorre numa vila espanhola durante um casamento. Toda a família se reúne e até uma das irmãs da noiva vem da Argentina com os seus dois filhos, um rapaz e uma rapariga adolescente. A alegria de todos pelo reencontro é grande. No dia do casamento, já na altura da festa, dá-se o rapto dessa jovem adolescente. Surgem as dúvidas e cresce a angústia. As suspeitas recaem sobre elementos da própria família, pois quem raptara teria de estar por dentro dos acontecimentos festivos. Levantam-se discussões antigas. Factos mal resolvidos do passado assumem agora novas proporções. Falsas aparências são dissipadas, deixando à vista o que todos já sabem mas não tinham coragem em aceitar... e muito se descobre complicando as coisas. No final, tudo se resolve...

As questões familiares e negócios mal fechados afetam sempre a vida dos envolvidos. Quando não há transparência, todos os problemas se avolumam...

Tópicos de análise:

1. Adiar conversas difíceis é cultivar as complicações.
2. Disfarçar soluções desacerta as futuras decisões.
3. As questões familiares afetam sempre o desempenho profissional.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

